

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
Armando Rocha Cruz

DIRECTOR
JOÃO ADELINO DIAS PENA

ANO I N.º 30

DOMINGO - 3 de Janeiro de 1954

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - RUA PINHEIRO CHAGAS, 24

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 59

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AVENÇA

O ESTATUTO NACIONAL DO TURISMO E A NOSSA PROVÍNCIA

O ILUSTRE Secretário Nacional da Informação, sr. Dr. José Manuel da Costa, fez ultimamente interessantes declarações à Imprensa acerca do futuro Estatuto Nacional do Turismo. Lemos atentamente essas declarações e penaliza-nos não ter visto nelas a menor referência à nossa província e aos seus interesses turísticos, embora se saiba que o Algarve, pela beleza da sua paisagem, amenidade do seu clima e riqueza natural das suas praias, é uma região que nenhum Estatuto de Turismo tem o direito de ignorar, sem prejuízo dos interesses não já e unicamente da região mas do próprio país.

O sr. Dr. José Manuel da Costa focou, em particular, o problema dos alojamentos nas regiões fronteiriças mas, conquanto a fronteira de Vila Real de Santo António seja uma das mais movimentadas do País, não fez à mesma a mínima referência. É certo que temos um hotel e duas boas pensões, mas o que é certo também é que aquele desceu de categoria, o que pressupõe incapacidade para desempenhar a contento uma função de hotel de fronteira. Anunciou o sr. Secretário Nacional da

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

DR. SOUSA CARVALHO

Nas eleições, realizadas há dias, dos corpos sociais do Montepio Geral, para 1954, foi eleito Presidente da Assembleia Geral daquele organismo mutualista o nosso prezado amigo e ilustre comprouviano, sr. Desembarçador Dr. João Bernardino de Sousa Carvalho.

Os nossos cumprimentos.

A PROPÓSITO DOS LIVROS DE MEMÓRIAS

Por RODRIGUES PENA

ACABEI agora de ler O Diário, de Katherine Mansfield e confesso que a sua leitura me deixou um tanto decepcionado. Simplesmente, uma tragédia de mulher condenada pela tísica, vivendo a sua vida de problemas domésticos, preocupando-se com a sua saúde abaladíssima e mergulhada nessa compreensível e humana angústia de alguém que pretende realizar uma obra para a posteridade. Esse género de literatura, um tanto confidencial; tecida de lamentações e queixas, teve em todas as épocas as suas fervorosas dedicações. Eu tenho lido milhares de páginas desses diários. Ficou-me, na leitura de alguns, a agradável surpresa de que nem tudo que se escreve são banalidades; de outros, lamentei o tempo que perdi a folhear as suas páginas despidas de qualquer interesse. Li «diários» de políticos que foram alguém no tablado de vaidades e rancores, que é a vida pública; li a prosa de energúmenos que se julgando homens de talento e de saber, não desempenharam outro papel que o do escalacho no meio da seara; li «diários» de célebres escritores que pretenderam desnudar-se completamente à curiosidade de amigos e inimigos; e já me vieram às mãos maços de folhas amareladas, onde meninas suspirosas e destiladas, escreviam as suas dolências de coação em tinta delida, exibindo pensamentos anódinos de almanaque barato. Toda essa gente dada a

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



Estrada Velha — Monchique

Óleo do pintor Lyster Franco

O PROBLEMA DAS CALDAS DE MONCHIQUE

TRATADO NA CASA DO ALGARVE EM LISBOA

PELO ENG. LUIZ ACCIAIUOLI

A DIRECÇÃO da Casa do Algarve, em sua reunião de 16 de Dezembro, exarou em acta um voto de congratulação pelo elevado espírito construtivo com que têm decorrido as actividades culturais, turísticas e beneficentes da colectividade, na presente temporada, e outro de vivo reconhecimento aos presidentes e oradores das respectivas sessões, registando igualmente o mais sincero apreço pelo êxito da elegante tarde infantil realizada na sede, em 13 do mesmo mês, a favor do Natal dos algarvios pobres, residentes em Lisboa, sob a direcção da devotadíssima componente da Comissão de Beneficência, Ex.ª sr.ª D. Raquel F. da Graça Mira, com a gentil colaboração de um distinto grupo de senhoras da mesma Comissão. Sobre uma «Noite Algarvia», a rea-

lizar no corrente mês, no Coliseu dos Recreios, a favor da «Casa dos Rapazes», de Faro, pelo «Grupo Folclórico e de Variedades», da mesma cidade, com o alto patrocínio da Junta de Província, a Direcção afirmou propósitos da mais franca colaboração com o dito grupo e aquela prestimosa Junta; e como eco, bastante honroso, da recente sessão dedicada pela Casa ao estudo do momentoso problema das Caldas de Monchique, considerou de toda a oportunidade a divulgação de algumas importantes afirmações produzidas na referida sessão pelo ilustre

cientista e académico que a ela presidiu, o Ex.º Engenheiro-Chefe da Inspeção das Águas, sr. Luiz de Menezes Acciaiuoli.

Eis as suas palavras:

«Minhas senhoras, meus senhores: — Antes de, em nome da ilustre direcção da prestigiosa Casa do Algar-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

EM PORTIMÃO

FESTA DA AMENDOEIRA E CARNAVAL DE 1954

Por iniciativa do sr. Salvador Vilarinho, distinto presidente da Câmara Municipal de Portimão, realizou-se, naquela cidade, uma reunião das principais individualidades e representantes da maior parte das forças vivas locais, a fim de tratar das festas da Amendoeira e Carnaval, para o corrente ano, tendo ficado assentes as linhas gerais do programa respectivo.

Para ele, prestarão larga e valiosa contribuição a Câmara Municipal, Comissão de Turismo, Juntas de Freguesia e Grémio do Comércio, além de numerosos particulares, sendo já elevado o número de donativos subscritos.

A CAMPANHA DO NATAL

DAS VÁRIAS ORGANIZAÇÕES DE BENEFICÊNCIA NESTA VILA

NO INTUITO de fornecer aos seus leitores alguns elementos que permitam avaliar da generosidade e dedicação dos componentes das várias obras de assistência aos necessitados desta vila, não quis o nosso semanário deixar de ouvir algumas senhoras e cavalheiros que, altruista e cristãmente, dedicam a maior parte do seu tempo disponível à benfazeja tarefa de minorar os sofrimentos e atenuar as necessidades dos pobres, especialmente na presente quadra do Natal.

Assim, conseguimos recolher alguns dados das várias organizações, lamentando termos de publicá-los resumidamente, devido à falta de espaço.

A SEMANA DA MÃE

Como é costume, há alguns anos, decorreu em todo o País, de 7 a 14 de Dezembro, a «Semana da Mãe», iniciativa da «Obra das Mães pela Educação Nacional».

Conta-Gotas

por Maria Manuela Nunes

Diário

Parece adormecida, a tempestade. Sobre as chuvas torrenciais, o véu do esquecimento desceu. O inverno afevelou a máscara e, nos seus quadris ossudos, despontaram flores. Raiou um gesto de primavera nas mãos que, brutalmente, uns dias antes ceifaram casas, árvores, vidas. E nos campos desolados, diante da vastidão que uma serena névoa realça, asas ensaiam vôos para mais longe, um dia.

Sei que é mentira. A tempestade adormeceu, apenas. Voltarão as chuvas torrenciais, devastadoras. O inverno sabe que a violência cansa e, antes de um gesto mais duro ainda, antes do golpe que abrirá novas dolorosas feridas, é de boa estratégia enviar este simulacro de primavera como um bálsamo para as feridas ainda abertas.

Vou guardar nos meus olhos uma gota deste sol fugidio e amável. Vou aprender este bálsamo, este gesto de primavera. Mas o gesto real da primavera. Aquele que, para além de todas as máscaras, anuncia não escombros e tempestades mas a vida, a paz, o fecundo trabalho renovador.

Ano Novo

O novo ano trás-me uma certeza: ficarei um ano mais velha. Apenas esta certeza? Não. Também a de que, ao longo de cada um dos seus dias, me sentirei cada vez mais jovem.

Apontamento

Nenhum remédio, até hoje, deu resultado. Depois da noite mal dormida, os cabelos ralos colam-se à testa lívida. Comprime os lábios, manchados de branco. Há uma estranha semelhança entre esta cara fina e rígida e a tarde que esmorece. Empasta uns olhos mortifcos na parede.

— Sabes? — digo — Descobrimos um novo remédio. Vem hoje no jornal, queres ver?

Aqueles olhos voltados para mim. Aqueles olhos de naufrago com terra à vista... Aqueles olhos de serpente, vitoriosos...

Gota com penas brancas

Os homens experientes, conhecedores da vida, dizem que o mal acaba sempre por vencer. Os burocratas da vida são dessa opinião. A primavera, as searas, os poetas, juventude e muitos dos meus vizinhos dizem, no entanto, que o bem, ele sim, vencerá. E aqui para nós: entre as flores e os burocratas — acredito mais nas flores.

COMPARTICIPAÇÕES

PARA O ALGARVE

O sr. Ministro das Obras Públicas concedeu, pelo Fundo de Desemprego, as seguintes participações para obras na nossa província:

À Câmara Municipal de Loulé, para abastecimento de água à povoação de Cartinhola (2.ª fase), reforço, 59.000\$00; à Câmara de Silves, para abastecimento de água à povoação de S. Marcos da Serra (1.ª fase), 21.000\$00.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

De visita a sua família, com quem veio passar as festas, encontra-se em S. Brás de Alportel o nosso prezado assinante, sr. Vitor Manuel de Sousa Coelho, residente em Lisboa.

A passar as festas do Natal, estiveram nesta vila, de visita a seus pais, os nossos prezados assinantes, srs. João Ribeiro Clemente e José Ribeiro Clemente.

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o nosso estimado assinante, sr. Duílio Diocleciano Caleça, digno chefe da Secretaria da Escola Industrial Fonseca Benevides, em Lisboa, que, em digressão pelo Algarve, esteve de visita a sua família, com sua esposa e filho.

A passar as festas com seus tios, encontra-se em Lisboa, a menina Neusa do Carmo Lorador Perrolas.

Encontra-se nesta vila o sr. Hugo Celorico Drago, nosso prezado amigo e assinante, em Faro.

Regressaram de Portimão, onde foram passar as festas do Natal, a esposa e filha do nosso prezado assinante, sr. José Pedro dos Santos.

De visita a seus pais, com quem passou as festas, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. Joaquim Moreira Parra, funcionário da Câmara Municipal de Serpa.

A passar o Natal com sua esposa e filhos, esteve nesta vila o nosso prezado assinante, sr. João Samúdio.

De visita a sua família, esteve entre nós o nosso prezado assinante e conterrâneo, sr. Diamantino Cardoso.

Esteve entre nós, a fim de passar alguns dias junto de sua família, o cadete da Escola do Exército, sr. João Pato Anselmo, neto do nosso prezado amigo e assinante, sr. João Inácio Pato.

Regressou de Matosinhos o nosso prezado assinante, sr. Manuel Rodrigues Calafate.

Esteve nesta vila, a passar as festas com sua família, o sr. Francisco Delgado Caraca Cipriano, filho do nosso prezado assinante, sr. Manuel Cipriano.

Casamento

No passado dia 26 de Dezembro, realizou-se na igreja de Nossa Senhora da Encarnação, desta vila, o enlace matrimonial da sr.^a D. Romedio Campero Pineda, filha da sr.^a D. Soledad Campero Pineda, viuva, com o sr. Eugénio José Farinha, filho da sr.^a D. Benvida da Conceição Farinha e do sr. José Farinha, 1.^o cabo da Guarda Fiscal.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sua prima sr.^a D. Soledad Pineda Perez e seu irmão Caetano Campero Pineda, e por parte do noivo seus pais, D. Benvida da Conceição Farinha e sr. José Farinha.

Aos noivos anguramos, sinceramente, as maiores felicidades.

Falecimento

Manuel dos Anjos Ruivinho

Faleceu nesta vila, no passado dia 30 de Dezembro, o sr. Manuel dos Anjos Ruivinho, industrial, de 71 anos de idade, casado com a sr.^a D. Carolina dos Anjos Ruivinho.

O finado, que durante muitos anos foi fabricante de conservas de peixe pelo sal, era pai das sr.^{as} D. Rodusinda dos Anjos Costa, D. Otilia dos Anjos Ruivinho e D. Albertina Ruivinho Soares e dos srs. Dionísio dos Anjos Ruivinho e José dos Anjos Ruivinho.

A família enlutada, apresenta «Notícias do Algarve», sentidos pésames.

Agradecimento

A família de Armando Martins Coelho, profundamente sensibilizada, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento daquele seu ente querido, e bem assim a todas as que tiveram a caridade de o acompanhar à sua última morada.

GAZETILHA

ANO NOVO

Mais um ano principia e eis que começa a mania de adivinhar-lhe as virtudes; optimistas, pessimistas, todos mui largos de vistas, vão já tomando atitudes.

Dizem uns, em ar de trova: Ano Novo? Vida nova! Isto agora é obra fina... Acabaram as tarefas, há sossêgo nas Coreias, terá paz a Indochina!

Dizem os outros, casmurros: Esperem por ela, seus burros, não vêm que está à porta? Da harmonia e da paz quem fará caso? Quem faz? A coisa é séria, é bem torta!

Ideias de tanta monta lembram outra, talvez tonta, que água na fervura deite: Se o Ano Velho, ao findar, trouxe azeltona a faltar, que baixe o custo do azeite...

BIN OCLO

RECTIFICAÇÃO

Do nosso prezado amigo e colaborador, sr. prof. Manuel José da Trindade e Lima, e com o pedido de publicação, recebemos a seguinte carta:

Meu caro amigo,

Nos apontamentos que o seu jornal publicou, com o título de «Crónica de Lisboa», escrevi eu, porque me contaram, que o meu infornado aluno e amigo, Frederico Baptista Lauret deixara uma filha que era cega.

Informam-me agora que a notícia é menos verdadeira.

Rectifico-a, com muito prazer. Ao menos, na hora derradeira não teve a mortificá-lo mais essa amargura.

PENSÃO FELIX

Sobejamente conhecida na nossa Província e em todo o País. A preferida pelos exigentes. Optimos quartos, a mesa mais disputada e apreciada pela nossa digna clientela.

Sala de jantar com bastante luz e com linda vista para o Guadiana. Preços convidativos. Experimentá-la é motivo para preferência.

Praça Marquez de Pombal, 22
Vila Real de Santo António

TRADUÇÕES

Comerciais, técnicas ou literárias, em Francês, Italiano, Inglês e Alemão. Rapidez, sigilo e preços módicos.

F. MORAIS RODRIGUES
R. Miguel Bombarda, 30
Vila Real de Santo António

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositarie nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República-Telefone 12

Noticiário da Província

FERRAGUDO

Mais um novo estabelecimento

Um novo melhoramento foi inaugurado o qual bastante vem valorizar o aspecto desta terra, na Rua Dr. Oliveira Salazar. Este empreendimento de que resultou surgir a público um moderno estabelecimento, deve-se à orientação do sr. Américo Cristo, que dota assim o comércio local com o melhor dos estabelecimentos do ramo de mercearias, e a quem desejamos muitas felicidades pela sua iniciativa.

O Tempo

Tem chovido bastante aqui, com muitas inundações, causando muitos e elevados prejuizos em casas, muros e sementeiras.

Neurologia

Faleceu em 7 de Dezembro, o sr. José Franco, cabo do mar e patrão do salva-vidas, nesta localidade, de 60 anos de idade, residente na mesma e natural da Guia. Era casado com a sr.^a D. Maria do Carmo Bentes Franco, pai dos srs. João Bentes Franco, Fernando Bentes Franco, estudantes, e José Torquato Bentes Franco, em serviço na Armada, irmão da sr.^a D. Rosalia Franco Rodrigues, tio do sr. Mário Alberto Franco Rodrigues, sobrinho do sr. António Luiz de Oliveira e da sr.^a D. Deonilde dos Santos Oliveira e primo do Rev. Padre José dos Santos Oliveira, pároco de Silves e do nosso correspondente.

Entrou para a marinha aos 16 anos de idade, onde passou a cabo, tendo prestado serviço na Armada, em cabo do mar e patrão do salva-vidas, em Ferragudo.

O saudoso finado, que foi combatente da Grande Guerra, exerceu funções oficiais em Macau, China, Japão, etc.

Foi condecorado com as seguintes medalhas: Campanhas do Exército Português (2 medalhas, em bronze e prata); Comportamento Exemplar, em Bronze; Assistência do Serviço no Ultramar; Assiduidade do Serviço no Ultramar (bronze); A Medalha da Vitória; dos Socorros a Náufragos, (prata); Salvamento em Macau, (prata) e Cruz Vermelha.

No seu funeral, que constituiu uma sentida manifestação de pesar, incorporaram-se muitas pessoas de todas as categorias sociais.

A toda a família enlutada «Notícias do Algarve», apresenta a expressão de profundo pesar. — e.

SILVES

Andrés Lluís Bós

Faleceu, no passado dia 15 de Dezembro, o sr. Andrés Lluís Bós, viuvo, de 61 anos de idade, industrial de construção mecânica, natural de Baget, Catalunha, (Espanha).

O extinto, que gozava de muitas simpatias, era pai da sr.^a D. Dolores Lluís Dalmau Pinto e sogro do nosso amigo sr. Carlos da Conceição Pinto, também industrial de construção mecânica.

O seu funeral foi muito concorrido por pessoas de todas as classes sociais. — e.

LUZ DE TAVIRA

Baptismos

Na Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Luz, no passado dia 30 de Dezembro, celebrou-se o baptismo dum filha da sr.^a D. Maria da Fé Patarata Pereira Martins e do sr. David Pereira Martins, funcionário público em Lisboa.

A neófito, que recebeu o nome de Ana Bela Patarata Martins, foi apadrinhada por seus tios, sr.^a D. Maria Solange de Brito Pereira Martins e sr. António Correia Martins.

Igualmente, realizou-se no mesmo dia o baptismo do filho da sr.^a D. Maria João Patarata Correia Martins e do sr. António Correia Martins, o qual recebeu o nome de Carlos Alberto Patarata Correia Martins. Foram padrinhos também seus tios, sr.^a D. Nelza Martins de Passos e sr. David Pereira Martins. — e.



a única lâmina que barbeia toda a gente!

AGENTES EM PORTUGAL:

Soc. de Rep. Cupertino
de Miranda & C.^a L.^{da}
R. S. Francisco, 41-Apartado 205-Porto

UMA CAMPANHA EM MARCHA

A oferta de quaisquer produtos

que sejam susceptíveis de-se trocar por numerário,

é uma forma de cooperar no nosso movimento

Registamos hoje a primeira oferta dessa espécie

O FACTO do objectivo da comissão para esse fim constituída ser o de angariar e reunir fundos, que auxiliem a Corporação dos Bombeiros Voluntários da nossa terra a edificar o seu quartel-sede, não exclui a possibilidade de lhe poderem ser ofertados quaisquer produtos com os quais a comissão possa realizar dinheiro, que será depois incorporado no respectivo Fundo. É esta também uma maneira útil de colaborar na campanha em prol dos nossos Bombeiros, e do mesmo modo cordialmente agradecida.

Embora este pormenor do nosso trabalho já tivesse sido explicado, em cada momento em que houve oportunidade de o esclarecer de modo mais ou menos individual, o assunto vem hoje a público, devido ao facto de se registar a entrada de dinheiro proveniente de uma oferta feita por um nosso amigo que deseja manter o anonimato. Oferta valiosa, muito gratamente agradecida, e que certamente vem abrir caminho a outras dádivas semelhantes — pois esperamos dos nossos conterrâneos, leitores e amigos que não tenham possibilidades de nos ofertar numerário e queiram colaborar nesta campanha beneficente, a sua valiosa contribuição, mesmo em artigos.

Com a entrada de mais donativos, o movimento do Fundo Pró-Sede dos Bombeiros Voluntários tem a seguinte expressão:

Transporte	10.171\$00
Donativo do sr. A. R. C.	4\$80
Donativo de um anónimo	2\$50
Produto de uma oferta de maços de cigarros	220\$00
Soma	10.398\$80

AGENDA

Movimento da Lota de Vila Real de Santo António de 25 a 31 de Dezembro:

Treineiras:

Raulito	11.170\$00
Liberta	11.070\$00
Norte	8.925\$00
Janita	8.470\$00
S. Domingos	3.930\$00
Flor do Guadiana	3.120\$00
Total	46.685\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 26 de Dezembro a 1 de Janeiro:

Entrados:

SHELL ONZE, Português, de 358 toneladas, de Lisboa, com gasóleo.
SÃO MACARIO, Português, de 1039 toneladas, de Lisboa, vazio.
CORUCHE, Português, de 1154 toneladas, de Gibraltar, vazio.

Saídos:

CARDRONA, Inglês, com cortiça, para o Porto.
COSTEIRO e ZÉ MANEL, Portugueses, com minério, para Lisboa.
SHELL ONZE, Português, para Lisboa, vazio.
SÃO MACARIO, Português, com minério, para Lisboa.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 2 a 8 de Janeiro, a Farmácia Silva, Rua Miguel Bombarda-Telefone 64.

AOS NOSSOS ASSINANTES

Informamos os nossos estimados assinantes, que estão à cobrança os recibos referentes à 3.^a Série do «Notícias do Algarve», n.^{os} 21 a 30, pelo que antecipadamente agradecemos o seu bom acolhimento.

Aos assinantes do Estrangeiro e bem assim aos das nossas Províncias Ultramarinas, agradecemos a remessa pela via mais rápida.

CRIADA

Para lavar (com máquina eléctrica) e engomar, precisa-se, no Hospital da Misericórdia, nesta vila.

Quem perdeu?

Encontra-se depositado, no Posto da Polícia de Segurança Pública, um Cachecol de lã, que foi encontrado junto do Cine-Foz e que será entregue a quem provar pertencer-lhe.



CASA TRINDADE

Viuva de José da Trindade Coelho
TELEFONE 8
FAZENDAS — SEDAS — ALGODÕES
ETAMINES E PANOS BRANCOS
SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES
CHAPEUS PALMARES
GABARDINES
o mais completo sortido de CALÇADO
A casa que V. Ex.^a deve preferir
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

Campeonato Nacional da II Divisão

● FUTEBOLO ●

Jogos para hoje:

LUSITANO - S. Domingos
Olhanense - Portimonense
Desportivo de Beja - Farense
Almada - Juventude
Luso - Montijo
Montemor - C. U. F.

Em Évora

Juventude, 2 — Olhanense, 0

Para assistirmos ao encontro de futebol, entre o Juventude e o Sporting C. Olhanense, a contar para o Campeonato Nacional da II Divisão, deslocamo-nos, no domingo dia 20 de Dezembro, à Cidade-Museu.

Com um dia de sol magnífico, o campo do Juventude esteve longe de registar uma boa enchente. Antes do encontro se iniciar, pela aparelhagem sonora foi emitida especial saudação ao veterano Grazina e ao seu Clube. E às 13 horas prefixas, sob a arbitragem do sr. Curinha de Sousa, de Portalegre, os grupos apresentaram-se para iniciar o encontro, com a seguinte formação: **Juventude:** Soares; Vieira e Casimiro; Nunes, Pedro Gomes e Forneri; J. b. Gomes Reis, Viegas, Camacho e Gonçalves.

Olhanense: Abraão; Graça e João Manuel; Osvaldo, Tavares e Grazina; Simões, Santiago, Vinício, Del Duca e Gomes.

O jogo não correspondeu à expectativa, por falta de entusiasmo posto na luta, pelas duas equipas. O Clube algarvio começou melhor e a sua superioridade manteve-se, até à meia hora de jogo, período durante o qual o seu ataque dispôs de ocasiões de baliza aberta que, a serem aproveitadas, teriam solucionado a questão quanto ao vencedor.

O último quarto de hora do primeiro tempo foi disputado em plano de equilíbrio, com jogadas num e noutro meio campo, a dar-nos a indicação de melhoria dos alentejanos, na mesma medida em que os algarvios começavam a descer das suas possibilidades, para poderem sair a salvo de qualquer surpresa no segundo tempo.

Este iniciou-se e manteve-se sempre em plano de igualdade, sem domínio de qualquer dos grupos, todavia com maior perigo a rondar as balizas de Abraão.

Da diferença entre os dois ataques, resultou a vitória do Juventude, traduzida em dois golos, marcados por Job e Viegas, embora se possa dizer que o segundo foi mais consentido que derivado de mérito próprio. Os alentejanos estão longe de possuir o bom grupo das épocas anteriores.

Neste encontro, a sua defesa deu mostras de muito vulnerável.

O guarda-redes demonstrou segurança, naquilo que foi forçado a defender. Das defesas, o que mais nos agradou foi Pedro Gomes, embora se tenha que levar em linha de conta que jogou sem a devida oposição por parte do avançado-centro contrário. Os defesas laterais não foram além da vulgaridade. Dos médios, gostámos dos pormenores de execução de Forneri, ainda que já o tenhamos visto actuar em melhor plano. No ataque, distinguimos o trabalho de Viegas, oportuno, e de Job, com qualidades de rapidez e fácil pontapé a serem aproveitadas.

A equipa do Olhanense voltou a demonstrar que algo existe, no seu sistema, que não está certo, se nos dermos ao trabalho de verificar que se compõe de elevado número de elementos de bom valor.

Abraão esteve bem, embora com o senão do segundo golo. A barreira defensiva, que consideramos o compartimento mais homogénio da equipa, não esteve nos seus melhores dias; todavia jogou de molde a satisfazer, se descobrirmos uma má jogada de Tavares, e a falta de antecipação, por vezes verificada nos defesas laterais, o que os obriga a um trabalho de desarme, sempre mais difícil. Os médios jogaram dentro das suas possibilidades actuais. Osvaldo satisfaz, na missão que lhe incumbiram, de quarto defesa, a marcar Camacho. Grazina cumpriu e teve alguns bons cortes feitos com a cabeça. Parece-nos que devia ser Grazina o jogador a recuar, por se adaptar melhor a defesa, lugar que tem desempenhado nos últimos anos.

A linha de ataque jogou dentro do sistema a que estamos habituados e, tal como estamos habituados, de forma a não agradar. Neste encontro, assim como nos anteriores, o jogo foi sempre castrado pelo centro do terreno, em vez de o ser pelos extremos. Resulta daí que são os próprios atacantes que facilitam a missão da defesa contrária, permitindo que se forme uma barreira compacta frente à baliza, ao contrário do que sucederia, se o jogo fosse feito pelos extremos, obrigando a defesa a abrir. Devido a isso, à falta de presteza com que todos se desfazem da bola — transportando-a em vez de a enviarem —, à esterilidade das desmarcações

e à falta de prontidão nos remates, é que a equipa perdeu este encontro, tal como tem perdido outros, durante esta época.

Simões foi o avançado que nos pareceu em melhor veia, não tendo sido devidamente servido. Santiago, bastante apagado, não foi o jogador inteligente e útil doutros jogos. Vinício longe da sua melhor forma, esquivou-se a miúdo à luta com o defesa que o marcou. Parece-nos descrente do seu valor e aí deve residir o motivo da sua crise de forma. Del Duca também esteve longe daquilo que já demonstrou saber. Gomes foi, apesar de tudo, o mais fraco, e isso vem sucedendo com regularidade, de jogo para jogo — apático, sem noção da colocação que compete ao extremo. Com qualidades a aproveitar e defeitos a corrigir, é um jogador que necessita ser trabalhado, parecendo-nos não ser o que de melhor o Olhanense conta, presentemente, para o lugar.

A arbitragem, longa de ser perfeita, também não desiludiu. Os erros maiores consistiram no benefício algumas vezes concedido ao infractor, e na relutância verificada em aplicar grande penalidade. Por duas vezes, Santiago foi reatado, dentro da grande área, perdendo a bola e estatelando-se, e isso são faltas que a lei manda punir.

bém tomarão parte no Festival alguns clubes populares desta vila, devidamente equipados e com os respectivos estandartes. Haverá também alguns discursos pelos alto-falantes, e proferidos por alguns representantes do S. C. Olhanense.

Sabemos que ao popular Clube estão sendo preparadas várias manifestações de carinho e a elas o «Notícias do Algarve», desde já se associa.

Esta festa será dos olhanenses para todos os algarvios, como testemunho de gratidão da Direcção do Clube. Em obediência ao § 5.º do artigo 8.º dos Estatutos do Clube, foi deliberado tornar-se obrigatória a apresentação, por parte dos Ex.ºs Sócios, de um bilhete especial a adquirir na sede do Clube, para ingresso no campo de jogos, o qual será conjuntamente exibido com a quota do mês de Dezembro findo. Espera, pois, a Direcção, o contributo de todos os seus associados.

Foi-nos transmitido, por pessoa amiga, que a linha que jogará será a seguinte: Abraão; Graça e João Manuel; Berdejo, Grazina e Fernandes; Simões, Santiago, Vinício, Del Duca e Gomes. Tavares não pode alinhar, visto se encontrar em estado grave, pois, há breves dias foi queimado, num acidente motivado pelo fogão que tem em sua casa.

Herculano Valente

“O DIA DO OLHANENSE”
 é comemorado hoje
 com a visita da simpática
 equipa de Portimão

Aproveitando a realização do encontro Olhanense-Portimonense, que tem lugar na linda vila da Restauração e das «Mouras Encantadas», e que constitui a 3.ª jornada da 2.ª volta do Campeonato Nacional da II Divisão, resolveu a Direcção do popular clube algarvio levar a efeito «O Dia do Olhanense», promovendo dessa forma a justíssima homenagem ao Clube e aos seus briosos atletas, que nunca se poupam a esforços para contribuir para a elevação do Futebol da Província do Algarve.

Está previsto, antes do encontro oficial, um desafio de carácter amigável entre as turmas do Moncarapacho Olhanense e dos juniores actuais do clube vermelho-negro. A seguir, a Comissão Pró-Olhanense fará entrega à Direcção do Clube dum lindo estandarte, digno sem dúvida de ser apreciado, pelo seu imenso trabalho, o qual foi executado pelas meninas da «Husqvarna». Tam-

Um ano bem começado?
 Pode tê-lo, com certeza,
 mas depois de haver comprado
 UMA CAMISA «VIRESA»!!!



Confecções Viresa, L. da
 FÁBRICA DE CAMISAS
 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Não hesite, anuncie no «Notícias do Algarve» e verá aumentar as suas vendas.

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
 CARLOS GOMES & C. A. L. DA
 15. R. DOS PANQUEIROS - LISBOA
 TELEF. 21143/21799

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, MOBILE, Ala., NEW ORLEANS, HOUSTON E GALVESTON

O motor rápido

“SLOTTERDYK”

carrega em LISBOA em 29 de JANEIRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

« DUIVENDYK » — 5 de Janeiro
 « LOCH GARTH » — 16 de Janeiro
 « DIEMERDYK » — 30 de Janeiro

RITA & FILHOS, L. DA

Para os devidos e legais efeitos se publica que, por escritura de 23 de Dezembro de 1953, lavrada nas notas do Cartório Notarial do concelho de Vila Real de Santo António, foi constituída entre António dos Santos Rita, António Guerreiro Rita, José António Ritta, Emilia Guerreiro Rita, Julieta dos Santos Guerreiro Fernandes, Rita dos Santos Guerreiro e Maria Antónia Guerreiro Rita, uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a firma «Rita & Filhos, Lda.», tem a sua sede nesta vila, começa nesta data, duração indeterminada, e o seu estabelecimento é, também, nesta vila.

2.º

O seu objecto consiste na exploração da indústria de conservas de peixe pelo sal (com secção de filetagem) e aproveitamento dos seus resíduos ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria de livre exercício ou para que tenha autorização em que os sócios acordem.

3.º

O capital social é de 500.000\$00 e corresponde à soma das cotas seguintes: uma de 135.000\$00, subscrita pelo sócio António dos Santos Rita, outra de 80.000\$00, subscrita pelo sócio António Guerreiro Rita, outra de 45.000\$ subscrita pela sócia Emilia Guerreiro Rita, e quatro de 60.000\$00, cada uma, respectivamente subscritas pelos sócios José António Ritta, Julieta dos Santos Guerreiro Fernandes, Rita dos Santos Guerreiro e Maria Antónia Guerreiro Rita.

Parágrafo 1.º

A cota do sócio António dos Santos Rita, é integralmente realizada nos termos seguintes: a) pela sua entrada, para a sociedade, com a sua fábrica de conservas de peixe pelo sal (com secção de filetagem), composta do respectivo edificio, que é um prédio urbano com três compartimentos e quintal, sito na Rua Cândido dos Reis, desta vila, freguesia e concelho, que confronta do norte com a Rua dos Marinheiros e António dos Santos Rita, do sul com António dos Santos Rita e com herdeiros de Manuel Ramirez, do nascente com a firma Sanches & Barroso, Lda. e com António dos Santos Rita e do poente com a Rua Cândido dos Reis e com António dos Santos Rita, inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 517, como consta da sisa a que adiante se vai fazer referência, e não está descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho e comarca, como consta de uma certidão passada pela mesma Conservatória, em data de dez do corrente, em virtude de requerimento apresentado sob o número dois, certidão que arquivo no cartório para os efeitos legais, do competente alvará de laboração n.º 27860 e dos respectivos maquinismos e utensílios (não aderentes ao solo), com o valor total de 100.000\$00, sendo 85.000\$00 do edificio e 15.000\$00 do alvará, maquinismos e utensílios, o que tudo, adquirido por título oneroso na constância do seu casamento com a segunda outorgante, conjuntamente e com outorga desta, transfere para a mesma sociedade nela pbe em comum; e b) pela quantia de 85.000\$00, em dinheiro, com que já entrou na Caixa Social.

Parágrafo 2.º

As cotas dos sócios António Guerreiro Rita, José António Ritta, Emilia Guerreiro Rita, Julieta dos Santos Guerreiro Fernandes, Rita dos Santos Guerreiro e Maria Antónia Guerreiro Rita, são integralmente realizadas em dinheiro, com que, respectivamente, cada um deles, já entrou na Caixa Social.

4.º

Não haverá prestações suplementares do capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à Caixa Social os suprimentos de que ela carecer, nas condições que forem acordadas.

5.º

Todos os sócios são gerentes, com uso da firma, sem caução e com retribuição ou sem ela, conforme deliberação da Assembleia Geral.

Parágrafo 1.º

A Assembleia Geral poderá deliberar que a gerência seja atribuída obrigatoriamente a um ou alguns dos sócios, considerando os restantes como substitutos.

Parágrafo 2.º

Os gerentes, em caso algum, poderão usar da firma social em fianças, abonações, letras de favor e mais actos e documentos estranhos aos negócios da sociedade.

Parágrafo 3.º

Para que a sociedade fique obrigada, basta que os respectivos documentos

sejam assinados com a firma social, por um dos gerentes efectivos.

6.º

A cessão de cotas dependerá, sempre, de autorização da sociedade.

Parágrafo único

Quando tal cessão não for autorizada, o sócio a quem ela tiver sido recusada tem o direito de exigir que a sociedade adquira a sua cota pelo valor que resultar do último balanço aprovado ou de um balanço que se der para esse efeito, á opção da sociedade e, se a sociedade não estiver nas condições ou não quiser adquirir essa cota, poderão os sócios adquiri-la nas mesmas condições e rateá-la, entre si, na proporção das suas cotas ou como, entre si, acordarem.

7.º

A amortização de cotas, além do disposto no § 1.º do art.º 9.º, poderá ter lugar nos casos seguintes: a) Quando qualquer cota for arremastada, penhorada ou sujeita a arremastada judicial; b) Quando qualquer sócio requiera a imposição de selos ou o arrolamento dos haveres sociais,

Parágrafo único

A amortização, neste caso, será feita nas condições do § único do art.º 6.º.

8.º

Haverá um balanço anual referido a 31 de Dezembro e os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos 5% para fundo de reserva legal e de qualquer outra percentagem para qualquer fundo que entendam criar, serão divididos pelos sócios, na proporção das suas respectivas cotas, sem prejuízo de qualquer deliberação que sobre o assunto for tomada, e, na mesma proporção serão suportados os prejuízos até ao limite da responsabilidade legal.

9.º

Esta sociedade não se dissolve, nem pela morte, nem pelo falecimento ou interdição de qualquer dos sócios e unicamente nos casos marcados na Lei de 11 de Abril de 1901, dependendo, porém, a sua dissolução por acordo da maioria absoluta de votos de todo o capital social.

Parágrafo 1.º

No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade poderá amortizar a cota do sócio falecido ou interdito e a amortização será feita nas condições do § único do art.º 6.º.

Parágrafo 2.º

A deliberação da sociedade sobre a amortização prevista no § anterior, será tomada dentro de 80 dias a contar do óbito ou do trânsito em julgado da sentença da interdição.

Parágrafo 3.º

Se a sociedade não resolver a amortização, no prazo marcado no parágrafo antecedente, os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito escolherão, entre si, um que os represente na sociedade, o qual dentro dos 80 dias seguintes deve declarar, por escrito, se os seus representados pretendem ou não ficar na sociedade.

Parágrafo 4.º

Querendo sair, ficam com o direito de exigir que a sociedade adquira as cotas, de harmonia com o § único do art.º 6.º

Parágrafo 5.º

Não é permitida a divisão de cotas do sócio falecido ou interdito, e os seus herdeiros ou representantes, querendo ficar na sociedade exercerão os seus direitos em comum, representados por um deles, com capacidade legal.

10.º

No caso de dissolução por acordo, serão liquidatários todos os sócios, fazendo a liquidação e partilha, como para ela se concertarem, mas desde já estipulam o direito de licitação para o caso de algum dos sócios querer ficar com todo o activo e passivo da sociedade, sendo a base da licitação o valor do último balanço.

11.º

Salvo os casos para que a lei exija outros requisitos especiais, as assembleias gerais serão convocadas, apenas, por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, indicando sempre os assuntos a tratar, e este prazo contar-se-á a partir da data do registo das ditas cartas.

12.º

Em tudo o omissio, regularão as disposições legais aplicáveis, designadamente as da lei de 11 de Abril de 1901 e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

Vila Real de Santo António, 28 de Dezembro de 1953.

O Ajudante do Cartório,
 Manuel Clemente

O Problema das Caldas de Monchique

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ve e no meu, agradecer ao Ex.º sr. Dr. Ascensão Contreiras o prazer espiritual que tivemos em ouvir a sua magnífica conferência, desejo cumprir um grato dever: apresentar a V. Ex.ª, sr. Major Mateus Moreno e a todos os ilustres membros directivos desta acolhedora agremiação, as minhas sinceras saudações e agradecer a V. Ex.ª, sr. Presidente, as palavras deveras amáveis mas imerecidas, que me foram dirigidas, ditadas pela extrema bondade de V. Ex.ª.

Seja-me também permitido felicitar, efusivamente, V. Ex.ª pela excelente iniciativa que tomaram, promovendo uma sessão para escutarmos, interessadíssimos, esta brilhante prelecção, de tão alta categoria, sobre as Caldas de Monchique.

Senhor Dr. Ascensão Contreiras: V. Ex.ª, com mão firme de mestre, vincou os vários aspectos com que se apresenta uma das Caldas mais importantes de Portugal, encarando o problema pelas suas múltiplas e características facetas, não esquecendo sequer a poética. Muito e muito obrigado pela magnífica lição e pelas referências amigas que teve a gentileza de me fazer.

Esta conferência era aguardada com viva expectativa, devido não só ao grande valor científico do consagrado conferencista e ilustre escritor, como também pelo sugestivo tema a versar: Caldas de Monchique.

E depois de recordadas as ligações destas termas com a mais remota antiguidade, o ilustre cientista precisa: — «Por várias fases passaram as Caldas de Monchique. Com a queda do império romano, a invasão dos bárbaros tudo arrasou, e o silêncio pairou sobre os balneários do ocidente: Monchique, também foi atingida; fecharam-se a fase romana.

Nova fase, aquela que poderei denominar a da descoberta, nobilitada pela frequência ali, embora passageira de El-Rei D. João II, em fins do século XV, e pela passagem de El-Rei D. Sebastião, quando ele quis visitar as terras onde morrera aquele monarca.

Bem haja, sr. Dr. Ascensão Contreiras, por ter fornecido também uma achega documentada para desfazer a lenda que envolve a morte daquele Rei, em Alvor, quando ele foi a Monchique à procura de um alívio aos seus achaques.

Nos fins do século XVII, outra fase se iniciou, quando os srs. Bispos do Algarve, tomaram a jurisdição daquelas termas. A instituição do hospital-balnear, a instalação ali de médico-cirurgião, as ampliações e modificações na casa de banhos e o valor das memórias, tratados e estudos sobre as águas, nos vários aspectos, permitem que eu possa classificar esta fase como de especialização, ciclo que durou 184 anos, sob a cuidada, atenta e benemérita direcção episcopal.

Com a passagem, em 1853, do estabelecimento termal e anexos para os bens nacionais, seguiu-se nova fase, a que eu poderei designar de administração, mas — é preciso confessar — algumas vezes ela foi de inércia e que só se movimentou com a nomeação da Comissão Administrativa das Caldas, tendo à frente um dedicado amigo de Monchique, que muito tem trabalhado pelo seu desenvolvimento.

Chegámos a 1939: era necessário iniciar-se outra fase, a fase de reconstrução, tirar as Caldas do marasmo em que viviam, dar-lhes novas e amplas instalações hidroterápicas, mas, aí de nós! um problema surgiu: o velho balneario estava construído sobre as nascentes, as águas sem defesa corriam por toda a parte, atravessavam terrenos e fendas das fundações, e assim eram aproveitadas.

E, agora, passado o perigo, anuladas as causas de inquinação, ouso fazer uma revelação: algumas das nascentes que se usavam em banhos, estavam seriamente inquinadas.

Foi necessário demolir tanto prédio, arrasar tanto foco de infecção, ir até à rocha limpa, construir uma rede de

«Notícias do Algarve»

O nosso prezado colega «Comércio de Portimão» teve a gentileza de transcrever, na íntegra, o artigo «Teixeira Gomes e a política», da autoria do nosso distinto colaborador sr. Eng. J. Silva Carvalho, e que publicámos no nosso número 24, de 22 de Novembro.

Também o semanário «Voz do Sul», de Silves, transcreveu, amavelmente, o artigo «Silves, uma glória do passado e uma promessa do futuro», da autoria do nosso amigo e ilustre colaborador Rui de Chelb.

Agradecemos.

esgotos, para assim a água brotar puríssima, em óptimas condições. Esse objectivo foi total e completamente atingido em todas as nascentes.

Mas, urgia evitar que, sem estabelecimento termal, as Caldas caíssem no esquecimento, e dois pequenos e provisórios balneários se ergueram; apesar da sua pequenez, conseguiram ainda, na época que findou, manter uma frequência de 1.100 doentes.

Ao terminar, quero invocar o nome ilustre do membro do Governo que, logo de início, acarinhando a ideia da remodelação das Caldas, permitiu que fosse dado o primeiro e difícil impulso para o começo da fase da reconstrução.

Refiro-me ao então Ministro do Comércio e Indústria, sr. Prof. Dr. João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), sem esquecer, certamente, o nome ilustre do sr. Presidente do Conselho.

Renovo os meus cumprimentos e felicitações à benemérita Direcção da Casa do Algarve, os agradecimentos e parabéns ao brilhante conferencista, e a todos V. Ex.ªs peço me perdoem terem sido obrigados a ouvir as minhas enfadonhas palavras, que se entenderam mais do que seria curial».

A PROPÓSITO DOS LIVROS DE MEMÓRIAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

segredos confidenciais se reclamam da máxima sinceridade.

Isto de invocar a sinceridade é uma tabuleta que se lê, mas que custa muito a aceitar. Quem tem a coragem necessária de se despir moral e fisicamente na praça pública? As Confissões de Jean Jacques Rousseau são, sem dúvida, um exemplo único na literatura desse género. Ai, sim, aí o leitor encontrará motivos de sobra para identificar o indivíduo tal como é na sua intimidade, com as suas misérias e os seus rasgos de heroísmo, as suas baixezas sórdidas de patife e os seus gestos magnânimos e altruístas de cavalheiro. Numa palavra, o indivíduo capaz de roçar com os dedos a pureza das estrelas e cair imediatamente nos abismos da mais negra e viscosa lama. E Rousseau é uma personagem que só encontra êxito na estranha e doentia literatura dos toiveskyana. Onde os outros se preocupavam em ocultar aleijões e mazelas, o autor de Emilio, sente quase voluptuosidade em chamar a atenção do honesto e respeitável público para esse grande espectáculo de sordez e abjeção. Dizem os entendidos em matéria sexual que Rousseau era masoquista, e só esse facto explica, essa raiva de se rebaixar aos olhos dos outros, ao nível de uma canalha.

De qualquer maneira, masoquista ou não, é preciso uma certa coragem para escrever estas palavras que extraia das suas Confissões: Não acabaria com semelhantes pormenores se quizesse seguir todos os caminhos pelos quais, durante o meu aprendizado, passei da sublimidade do heroísmo à baixeza de um bandalho. Não se formulem dúvidas quanto ao que escrevi esse homem; notem bem: da sublimidade do heroísmo à baixeza de um bandalho. Este extraordinário e excêntrico Rousseau não era lá muito dado a delicadezas. Lá poupar os outros era coisa que não estava no seu programa; nunca perdoou a amigos ou inimigos, mas também nunca foi complacente para os seus erros, pecados e vícios. Difícilmente encontramos, na história, um homem que se debruçasse tão violentamente sobre ele próprio como o autor do Contrato Social. A gente lê os dois grossos volumes das suas Confissões, e ficamos satisfeitos, quites com o autor, e acabamos por dar-lhe a nossa inteira absolvição — não porque se trata de um notável escritor, mas porque soube descer à condição humilde de um ser humano. Que contraste este Rousseau como ses autores enfatuados, que nos «diários» só sabem distillar a peçonha do seu veneno e acutilar valentemente o próximo, tendo todo o cuidado em resguardarem-se de todos os olhares curiosos e indiscretos, apresentando-se como produtos humanos da mais fina água! Que isto de uma pessoa se elevar à custa de denegrir os outros, é processo pouco honesto e limpo! Que isto de «diários» escritos para os outros lerem — todas as cautelas são poucas — ou anda por ali vaidadezinha e basófia, ou a coisa tresanda a poucas vergonhas recalçadas.

RODRIGUES PENA

O ESTATUTO NACIONAL DO TURISMO E A NOSSA PROVÍNCIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Informação que se estuda a possibilidade de proporcionar grandes facilidades à indústria hoteleira e esperemos que tal se verifique e que o nosso hotel se adapte às exigências actuais. Entretanto, estranhámos que, na localização de futuras pousadas, não se tivesse pensado em Monte Gordo, uma das melhores praias da Península e onde não há sequer uma pensão para albergar quem ali queira estar uns dias a repouso e a desfrutar a amenidade do clima, em qualquer época do ano. Não queira o sr. Dr. José Manuel da Costa saber o teor dos comentários de nacionais e estrangeiros acerca desta lacuna, verdadeira nódoa negra no nosso turismo. A cara de pasmo desses visitantes, quando se lhes diz que na linda praia não há alojamentos, faria inveja a muito artista da cena.

Outra lacuna imperdoável, e que tanto lesa o turismo da nossa província, é a falta, já por mais de uma vez assinalada, de um «ferry-boat» para o transporte de camionetas de excursão entre as duas margens do Guadiana.

Indicadas estas deficiências tão graves, confiamos que o Secretario Nacional de Informação procurará remediá-las, prestando assim um bom serviço ao turismo português e ao prestígio do país.

B.

A Campanha DO NATAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

com os respectivos enxovais e várias peças de vestuário, no total de 150 peças.

Estes enxovais foram confeccionados pelas sr.ªs professoras e alunas de labores da M. P. F. e os berços foram oferecidos pelo secretariado da mesma.

CAMPANHA DO NATAL

Além das várias ofertas e auxílios em dinheiro, géneros e abrigos distribuídos pelo Instituto de Assistência à Família e pela Conferência de S. Vicente de Paulo, cuja lista não conseguimos obter, temos a citar ainda:

A L. A. C. F. ofereceu 9 peças de vestuário, 2 pares de calçado e 4 jantares.

A L. I. C. F. distribuiu pelos necessitados: 30 mantas e 28 chales e, particularmente, pelas Licistas, foram contemplados muitos pobres com 105 jantares e 60 peças de vestuário.

Com o produto da rifa de um perti e de trabalhos executados pelas suas filiações, conseguiu a L. O. C. F. contemplar 23 pobres, com chales, mantas e vestuário.

A J. O. C. F. e a J. E. C. F., na sua Campanha de Auxílio Material, levaram a efeito uma interessante festa, na sala de espectáculos do Lusitano F. C., amavelmente cedida pela Direcção daquele Clube, conforme oportunamente noticiámos, nos dias 4 e 6 de Dezembro findo.

Com o produto da mesma, conseguiram-se fundos para a distribuição, por várias famílias necessitadas, de: camas com colchoaria, mantas, lençóis, fronhas, colchas, calçado, casacos de malha e de fazenda, blusas, vestidos, etc.

Procedeu-se também à reparação duma barraca, no «bairro dos ciganos», melhorando as condições da família que ali vive.

Além dos artigos citados, foram ainda distribuídas 70 peças de roupa de bebé, das quais 30 para o Hospital.

Beneficiaram-se também várias famílias numerosas com jantares de Natal. Todas as dádivas feitas pela J. C. F. estiverem patentes ao público, em exposição, realizada no dia 22 de Dezembro na Sala de Reuniões da A. C. Bem hajam todos os que contribui-

ORÇAMENTOS DAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS DE CABO VERDE, GUINÉ, S. TOMÉ E PRÍNCIPE, MACAU E TIMOR

COM a regularidade que se vai tornando norma da Administração portuguesa, após os diplomas orçamentais das províncias de Angola, Moçambique e Estado da Índia, apareceram agora a público os das restantes províncias do Ultramar português.

Todas acusam equilíbrio e grandes importâncias destinadas à execução do Plano de Fomento.

CABO VERDE — As receitas extraordinárias e ordinárias elevam-se a 47.999.981\$63 e as despesas a igual quantia. As principais contribuições para a receita ordinária provêm de taxas de trânsito de telegramas e da contribuição industrial, respectivamente, com 600 contos e 260; e para a extraordinária da Lei 2.058, de Dezembro passado, e destinam-se a melhoramentos hidroagrícolas, florestais, pecuários, a sondagens hidrogeológicas e a comunicações e transportes, ascendendo a um total de 13.000 contos. Acrescenta-se ainda que o aumento de receitas não foi consequência de qualquer elevação de taxas ou impostos, mas do natural desenvolvimento da província.

GUINÉ — Acusa este orçamento um substancial aumento tanto nas receitas como nas despesas, em relação aos anos anteriores. A receita ordinária atinge 97.586.891\$74 e a extraordinária 16.750.435\$58. Por sua vez, as despesas — extraordinária e ordinária — elevaram-se à importância global de 114.337.327\$32. Nesta província, da mesma forma, não se recorreu também ao aumento de taxas ou impostos. Por menor digno de se acentuar é o de que os saldos positivos dos anos transactos, que somam a verba de 4.600 contos, ficam intactos por ser desnecessária a sua utilização.

S. TOMÉ E PRÍNCIPE — Esta província também apresenta um orçamento mais elevado do que o de 1953. As receitas, ordinária e extraordinária, são, respectivamente, de 47.815.684\$89 e de 29.567.045\$03. As despesas estão orçadas em 46.172.729\$92 (ordinária) e 31.210.000\$00 (extraordinária). Na despesa extraordinária são dignas de registo as verbas, além das destinadas à execução da 1.ª fase do Plano de Fomento, para a construção de edifícios públicos, melhoramentos dos Serviços de Saúde e dos C. T. T.

MACAU — As receitas, previstas para 1954, são de 95.463.975\$75 a ordinária e de 27.925.000\$00 a extraordinária. As despesas fixaram-se em iguais importâncias, mais ou menos. Salienta-se o concurso da província com mais de 1.925.000\$00 a sair dos saldos das contas de exercícios findos para ocorrer a outras despesas extraordinárias.

TIMOR — A receita ordinária fixou-se em 43.373.367\$56 e a

extraordinária em 15.100.000\$. As despesas fixaram-se em iguais importâncias. Para ocorrer aos encargos com outras despesas extraordinárias, a província contribuiu com 1.100.000\$00, proveniente dos saldos das contas de exercícios findos. A receita ordinária, como a despesa aumentou em perto de 4 mil contos, em relação a 1953, e a extraordinária acusa uma pequena diferença para menos em 1954.

O orçamento destas duas províncias — Macau e Timor — foram elaboradas em escudos, consoante determina a Lei Orgânica do Ultramar. No entanto, os respectivos governadores ficam autorizados a fazer a sua conversão em patacas.

Por aqui se verifica que vamos entrar no Novo Ano com uma actividade a todos os títulos louvável e que da execução do Plano de Fomento se aguarda uma prosperidade para o País, tanto na Metrópole como em todo o Portugal do Ultramar.

A. L.

Contribuições e Impostos

Na Câmara Municipal desta vila, encontram-se a pagamento:

Avenças de Consumo

Até 30 de Janeiro.

Imposto para Turismo

Até ao dia 30 de Janeiro e mais 60 dias com juros de mora.

Licenças policiais (de porta aberta)

Até ao dia 15 de Janeiro.

Licenças de toldos, anúncios e reclamos diversos

Até dia 30 de Janeiro e mais 60 dias com juros de mora.

Licenças para bombas abastecedoras de gasolina, gasóleo e ar

Até dia 30 de Janeiro e mais 60 dias com juros de mora.

Pagamento de contribuições e impostos

Desde 1 de Janeiro, encontram-se a pagamento, na Tesouraria da Fazenda Pública, as seguintes contribuições e impostos: Contribuição predial, Contribuição industrial, Imposto sobre aplicação de capitais (Secção A), Imposto profissional e Taxa de soberania colonial.

Títulos de isenção de trânsito

Durante o mês de Janeiro, devem todos os possuidores de títulos de isenção de imposto de trânsito, para circulação de veículos ou animais, em estradas do Estado, apresentar esses títulos na Secção de Finanças do concelho onde os mesmos foram processados, a fim de ser averbada a sua revalidação para o corrente ano, sob pena de os mesmos ficarem nulos.

Pelo uso dos títulos de isenção, sem a respectiva revalidação, incorre o respectivo proprietário em multa igual ao dobro da importância anual do imposto correspondente ao indicador utilizado.

Matrizes prediais

Nos termos do artigo 14.º do Decreto n.º 28.220, as matrizes prediais rústicas e urbanas deste concelho estarão patentes, para exame dos contribuintes, durante o mês de Janeiro.

Pagamento de quotas

Durante o mês de Janeiro também os sócios contribuintes dos Grémios da Lavoura devem efectuar o pagamento das suas quotas, conforme avisos já expedidos.

Visado pela Comissão de Censura